

Bento de Jesus Caraça

No 125º aniversário do seu nascimento

JOÃO CARAÇA

Bento de Jesus Caraça foi um homem notável do seu tempo e, por isso mesmo, um homem notável de todos os tempos. O exemplo da sua luta e da sua coragem, de professor e de cidadão, ilumina-nos certamente a todos.

Senhor Presidente do ISEG, Caras Amigas e Amigos, Universitários, Académicos, Membros da Associação Bento de Jesus Caraça, é com sentida emoção que celebramos aqui, na Biblioteca Francisco Pereira de Moura, o 125º aniversário do nascimento de um homem notável do seu tempo e, por isso mesmo, um homem notável de todos os tempos.

Nascido a 1901 em Vila Viçosa, viveu a sua infância num Alentejo rural, onde cedo revelou invulgares aptidões intelectuais. Coursou o liceu, primeiro em Santarém e depois em Lisboa, sobrevivendo, mal lhe foi possível, dando lições particulares a colegas e estudantes. Frequentou a seguir o Instituto Superior de Comércio de Lisboa, que se transformou mais tarde no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras e é hoje o Instituto Superior de Economia e Gestão (o ISEG) da Universidade de Lisboa, onde nos encontramos. O seu desempenho académico brilhante conduziu-o à cátedra de Matemáticas Superiores, aos 28 anos.

Mas primeiro, os agradecimentos. Ao Presidente do ISEG, João Duque, que desde a primeira hora se empenhou, bem como todo o Instituto, muito em particular a Biblioteca e a sua Directora Lurdes Tavares, a acolher e apoiar a Exposição que vamos hoje hoje inaugurar. À Fundação Mário Soares e Maria Barroso, que imediatamente disponibilizou o Espólio de Bento de Jesus Caraça, que nela se encontra depositado, para suportar a reprodução digital de imagens e textos originais que integram os materiais expostos. Ao Coordenador da Exposição, Alfredo Caldeira, actual Presidente da Direcção da Associação Bento de Jesus Caraça, cuja capacidade, espírito de cidadania activa, e tenacidade foram essenciais nesta realização. E também

aos Membros da nossa Associação que nela colaboraram dedicadamente e ao responsável pelo Design, Gonçalo Castilho, pela sua preciosa colaboração.

Viviam-se anos conturbados na Europa e no Mundo do segundo quartel do século XX. Bento de Jesus Caraça responde-lhes com a publicação em livro das suas lições, as *Lições de Álgebra e Análise*, dirigidas aos alunos e estudantes, e com uma actividade de militante da ciência e da cultura numa dedicada e esforçada série de grandes conferências públicas, onde traça todo um programa de intervenção cultural, científica e pedagógica. [[São elas "A vida e a obra de Evaristo Galois" em Maio de 1932, a história de um espírito livre e da sua vitória sobre as trevas em que pretenderam envolvê-lo; "A Cultura Integral do Indivíduo - problema central do nosso tempo" em Maio de 1933, obra seminal e que influenciou toda uma geração de jovens universitários e estudantes, um grito de racionalidade numa época de dúvidas, crises e interrogações; "Galileo Galilei - valor científico e valor moral da sua obra" em Junho de 1933, com a preocupação de esclarecer o valor do trabalho científico e o das suas implicações para a sociedade, numa portentosa mensagem de valorização do homem, e para que se acabasse com a projecção abusiva e criminosa do individual sobre o colectivo, humanizando a sociedade; "Escola Única" em Abril de 1935, reforçando a necessidade de implementar um sistema que «qualquer que seja o sexo da criança, a posição económica e social dos pais, a religião que professa, proporcione a cada um dos educandos a instrução que corresponde às suas aptidões, capacidade e profissão futura». Porque agitar ideias, dizia BJC, «a despeito do que dizem certos escribas abafadores de cultura, agitar ideias é mais do que viver, porque é ajudar a construir a vida».

"A arte e a cultura popular" de Junho de 1936, em que a arte e a cultura são apresentadas como agentes de comunhão humana, como meios para nos ajudar a sentirmo-nos mais perto uns dos outros; "Rabindranth Tagore" em Janeiro de 1939, onde BJC procura trazer-nos (como ele tão bem dizia) a quinta-essência da alma oriental. E toda esta actividade pontuada por inúmeros escritos, intervenções e artigos em jornais, revistas e semanários. Participa também activamente e de modo entusiasta no funcionamento da Universidade Popular Portuguesa.]]

Naturalmente toda esta actividade iria desembocar no grande projecto cultural de Bento de Jesus Caraça -- e na maior iniciativa de divulgação da ciência do conhecimento e da cultura realizada em Portugal no século passado: a *Biblioteca Cosmos*. A *Biblioteca Cosmos* correspondeu integralmente à realização do que Bento de Jesus Caraça punha como questão central à sua geração -- o despertar a alma colectiva das massas.

Foi para a Biblioteca Cosmos que escreveu o seu inesquecível livro *Conceitos Fundamentais da Matemática*, obra admirável, um paradigma para a Biblioteca Cosmos – no dizer do matemático José Sebastião e Silva «um novo estilo de ensino da matemática».

Mas também não descurou a sua actividade no campo académico: propõe a criação do Centro de Estudos de Matemáticas Aplicadas à Economia (CEMAE), é fundador da *Gazeta de Matemática* e membro activo da Sociedade Portuguesa de Matemática.

[[A subida dos fascismos e o aproximar da guerra na Europa não podiam, porém, deixar Bento de Jesus Caraça indiferente. Impulsiona a Liga Portuguesa contra a Guerra e o Fascismo, o Socorro Vermelho Internacional e é uma peça central do Movimento de Unidade Nacional Antifascista, o MUNAF. Esta actividade culmina, no fim da guerra, com a criação do Movimento de Unidade Democrática - o MUD -, de que foi Vice-Presidente da Comissão Central.

Em Setembro de 1946 é-lhe dirigida uma nota de Culpa, acusando-o de contrariar e difamar a posição do Estado Novo, em virtude das actividades empreendidas pelo MUD. A repressão acentuava-se. Do vergonhoso processo que lhe foi movido, resultou a expulsão e demissão da sua cátedra, facto que, sem dúvida, amargurou o seu último ano e meio de vida.]]

Bento de Jesus Caraça demonstrou uma invulgar capacidade intelectual, bem como uma extraordinária grandeza na devoção à causa pública ao equacionar, precisamente, cultura com liberdade.

Durante toda a sua vida de luta foi *o símbolo da inteligência contra o obscurantismo, do humanismo contra a ideologia corporativa, da liberdade contra a repressão cega e bruta*⁽²⁾. E, apesar de tudo isto, nunca se esqueceu, até ao fim, antes nelas se remoçando continuamente, das suas raízes alentejanas.

O mundo de hoje talvez não seja melhor do que aquele em que viveu. Mas não foi porque Bento de Jesus Caraça não tenha lutado denodadamente contra a ignorância, contra a superstição obscurantista, contra o medo.

«O que o mundo for amanhã, é o esforço de todos nós que o determinará. Há que resolver os problemas que estão postos à nossa geração e essa resolução não a poderemos fazer sem que, por um prévio esforço do pensamento, procuremos saber, por uma análise fria e raciocinada, quais são esses problemas, quais as soluções que importa dar-lhes -- saber donde vimos, onde estamos, onde vamos.». Estas, são palavras luminosas impressas no cerne da "Cultura Integral do Indivíduo".

Esta cultura integral tem de ser adquirida e usada por todos, sem excepção. É por isso **o «problema central do nosso tempo» – e de todos os tempos**, enquanto não formos dirigidos pelos princípios da liberdade individual, da igualdade entre todos, da fraternidade e solidariedade com os outros.

É com uma sociedade de homens cultos e íntegros que se pode assegurar que todos serão livres, iguais e solidários. A cultura assume assim uma centralidade fundamental para a vida do colectivo.

Nestas primeiras três décadas do século XXI, o problema central é o mesmo mas assumindo aspectos diferentes, devido às transformações havidas. Teremos de lutar pela aquisição por todos de uma cultura integral que estimule a interrogação sobre as transformações do mundo que nos rodeia, sobre a sociedade em que vivemos e sobre nós próprios, que promova a criatividade e o espírito crítico, para que possuamos as bases essenciais para pensar e construir o futuro colectivo que ambicionamos.

⁽²⁾ Mário de Carvalho, *Evocação no 90º aniversário de B.J. Caraça*, Edições Cosmos, Lisboa, 1991.

É nestes termos que a evocação da figura de Bento de Jesus Caraça é importante. Porque, mais do que nunca, se torna imprescindível compreender o mundo em que vivemos, bem como as escolhas que se configuram. Porque, igualmente mais do que nunca, temos necessidade de aprender, observar e experimentar ao longo de toda a nossa vida. A cidadania implica a participação.

Parece hoje evidente que desapareceu o antigo fosso existente entre cultura de elites e cultura popular. Mas é uma ilusão pensarmos que a batalha está ganha. A cultura não é o que o "mercado da cultura" aparenta.

Sem dúvida, o caminho percorrido neste último meio século se traduz pela centralidade assumida pelos fenómenos e acontecimentos ligados à digitalização no campo da comunicação e da circulação dos saberes. A esta situação correspondem importantes mutações nos comportamentos quotidianos das nossas vidas. O nível de coesão das sociedades desenvolvidas de hoje é criado no quadro de uma elevada actividade de comunicação interna. É esta a sua complexidade, a densidade da comunicação, e é por isso que a democracia pode por vezes parecer tão frágil.

A mensagem central da acção de Bento de Jesus Caraça aparece assim bem clara nos tempos do presente: ou se aprofundam as bases científicas do conhecimento sobre a sociedade, sobre a natureza e sobre o próprio homem, e simultaneamente se promovem o espírito crítico e a participação cívica, ou, em alternativa, assistiremos primeiro à contestação lenta e, depois logo a seguir, à destruição rápida e inexorável do edifício da ciência e dos saberes argumentativos e, com eles, da legitimidade da própria ordem em que assenta a regulação da nossa sociedade. É que as novas oligarquias nunca desprezam a eficiência técnica: antes a estimulam no quadro de uma combinação com a ignorância política e a superstição.

É preciso por isso inculcar nos mais jovens o dom de imaginar, o prazer de aprender, o gozo de descobrir. Este é um campo onde uma sociedade democrática não pode fazer quaisquer concessões. Porque é dos jovens a sua vontade de participação como cidadãos, porque será deles que dependerá a prática da cidadania no futuro.

No final do prefácio ao primeiro livro da Biblioteca Cosmos, “O Homem e o Livro” escreveu Bento de Jesus Caraça:

«Há, em suma, que dar ao homem uma visão optimista de si próprio; o homem desiludido e pessimista é um ser inerte, sujeito a todas as renúncias, a todas as derrotas – e derrotas só existem aquelas que se aceitam».

Esta devoção à causa colectiva, à libertação das capacidades próprias, ao convívio fraterno com os outros, ao entendimento das grandes questões da nossa vida, constituiu o essencial da acção de Bento de Jesus Caraça, da sua confiança nos seus semelhantes, rumo ao futuro. Futuro que é a realidade de hoje.

Que é, ao mesmo tempo, melhor e pior do que a que ele viveu. Mas que mostra que o mundo, felizmente, mudou.

E é isso que importa. Que, enquanto formos vivos, pela nossa acção, o mundo esteja sempre a mudar, não parando nunca de se transformar.